



## Combates – Inimizades x Amizades

Introdução.....	2
Então... O que é amizade? O que é inimizade? .....	2
FOCO – O combate em primeira pessoa.....	3
A Resistência (João 15:9-10) .....	4
O Deleite (João 15:11).....	4
A Plenitude (João 15:12-13).....	5
A Troca (João 15:14-15) .....	6
A Escolha (João 15:16).....	6
CLAREZA – Entendendo o ecossistema .....	7
Um jantar muito especial (João 12:1-6) .....	8
Seres vivos – as pessoas .....	8
Inter-relações e trocas – os papéis.....	8
Fluxos de energia – as motivações.....	9
Ambientes – as condições .....	9
Características – os cenários .....	10
Estrutura trófica – a dinâmica .....	10
DISCERNIMENTO – Entendendo as diferenças .....	10
A DINÂMICA da amizade .....	12
Barnabé, um amigo .....	13



## Introdução

Dentre os temas dessa série, eu acredito que este seja um dos mais *“traíçoeiros”* quando falamos a respeito – especialmente porque é daquelas coisas sobre as quais **é grande a possibilidade de se estar enganado.**

Eu explico.

Quando olhamos para assuntos como, por exemplo, “discórdia x paz”, “ingratidão x gratidão”, “desonestidade x integridade”, “ansiedade x serenidade”, “medo x confiança”, me parece mais simples distinguir uma coisa da outra – mesmo em um caso em que alguém “desonesto” apresenta-se como alguém “íntegro”, escondendo sua verdadeira essência.

Por outro lado, em relação ao assunto “inimizade x amizade”, **quantas vezes você ou alguém que você conhece já chegou à conclusão de que “... aquele / aquela que se pensava ser amigo / amiga acabou se mostrando exatamente o oposto”?** Você pode argumentar que uma pessoa falsa pode apresentar-se como “amigo” quando não o é... e, nesse sentido, temos um caso parecido com o “desonestidade x integridade”. Mas quantas vezes alguém não parou e se questionou se aquele relacionamento que parece ser de “amizade” é, na verdade, nocivo – sem que **nenhum dos envolvidos naquele relacionamento tenham se dado conta** disso?

Por isso, teremos uma parte da nossa conversa para falarmos de algumas características muito particulares da amizade que, quando confrontadas com seu “antônimo”, não deixam dúvidas em relação à **direção em que determinado relacionamento está.**

### Então... O que é amizade? O que é inimizade?

O dicionário **Houaiss** afirma que amizade é *“sentimento de grande afeição, de simpatia (por alguém não necessariamente unido por parentesco ou relacionamento sexual)”*.

O **Urban Dictionary**, que recebe contribuição de pessoas com seus entendimentos mais particulares e específicos traz coisas como

*“quando se pode xingar um ao outro sem as consequências físicas desse comportamento”*

*“ter a senha do telefone celular do outro”*

O **Facebook** define a amizade com um botão, um ícone em seu site – **simples e simplório assim.**

Mas uma das contribuições do Urban Dictionary que entendo fazer bastante sentido é esta aqui, descrita **em dois tempos: “a promessa de ajudar a alguém quaisquer que sejam as circunstâncias, posteriormente provada com ações”**.

Ou seja, vez por outra, você e eu **somos lembrados que as ações são o grande árbitro** quando se trata de saber se uma amizade é verdadeira ou não.

**E a inimizade... o que é?** Bom... de maneira leviana, mas objetiva (como puxar um band-aid de uma pele cheia de pelos), **a inimizade é o contrário de tudo isso.**



O termo amizade aparece mais de cem vezes na Bíblia. Entre hebraico (VT) e grego (NT), são seis termos diferentes. Isso quer dizer que há vários usos da palavra amizade, com níveis de profundidade diferentes (como em Gênesis 38:12 e Mateus 22:12).

De fato, o padrão de amizade mais puro e elevado é o que podemos encontrar no relacionamento entre a trindade – que, mais do que palavras, prova-se verdadeiro e sólido com ações. Em menor número são as vezes na Bíblia em que a Trindade expressa amor ou amizade por meio de palavras (como no batismo de Jesus). Mas o que podemos perceber se olharmos com bastante atenção na narrativa bíblica, percebemos afeto, confiança, honra, respeito.

Como o tempo é curto, nós vamos olhar hoje para a maneira como Deus **comportou-se diretamente no relacionamento com o homem** – olhando para alguns casos específicos. É o jeito de mostrar **a amizade na prática**.

Vamos fazer isso olhando para esse assunto sob alguns aspectos objetivos: **FOCO, CLAREZA, DISCERNIMENTO, DINÂMICA** e os **REFLEXOS no REINO**.

## FOCO – O combate em primeira pessoa

Em primeiro lugar, **há um aspecto que julgo mais relevante e que diferencia esse combate de todos os outros** – este, muito mais evidente e relevante: geralmente, sou levado a analisar o combate “inimizade x amizade” do ponto de vista de **“quem é meu amigo?”**. Na verdade, olhando para o evangelho de João (que, aliás, foi o discípulo “amigo”), percebemos que Jesus trata a amizade (e, conseqüentemente, a inimizade) sob o ponto de vista da primeira pessoa. Ou seja, **“de quem EU sou amigo?”**.

Quando olhamos para o relato no **capítulo 15 do evangelho de João**, percebemos **Jesus dirigindo-se aos seus discípulos como quem fala a amigos**.

Jesus era um **homem judeu** do seu tempo, sujeito às mesmas dinâmicas sociais. Quando falamos de **Jesus e os doze escolhidos**, é preciso lembrar que esse era um tipo de relacionamento bastante conhecido naquele contexto: **Jesus era o mestre; os doze eram seus discípulos**.

O modelo mestre-discípulo tinha regras específicas. O judaísmo tinha o foco principal no comportamento, as ações. O Talmude, a certa altura estabelece que **“Melhor que (os judeus) Me abandonem, mas sigam as Minhas leis” (Talmud Y. Hagigah 1:7)**. Assim, o papel do mestre era treinar / adestrar o discípulo para a obediência estrita das regras – o que fazia com que o **relacionamento entre mestre e discípulo** fosse carregado de **formalidade e obediência**.

No seu discurso, Jesus faz a referência explícita a ordens que deviam ser seguidas: **“... O meu mandamento é este...” (v. 12), “... se fizerem o que eu mando” (v. 14)**.



Amizade não estava em questão naquele relacionamento.

Mas apesar desse aspecto, **Jesus traz o relacionamento com seus discípulos** para um **modelo revolucionário** quando, **ao mesmo tempo em que fala em obediência, os chama de amigos.**

Então, aquilo que **parecia uma aula**, acaba sendo uma **declaração de amizade explícita de Jesus**. Imagine a cena em que os alunos chegam, acomodam-se e preparam-se para ouvir o mestre, do alto de sua sabedoria, em mais uma série de orientações sobre suas atitudes e comportamentos. De repente, **o mestre abre o coração para os seus discípulos.**

É sobre alguns aspectos dessa cena que vamos refletir por alguns momentos e perceber algumas **características da amizade na primeira pessoa.**

### A Resistência (João 15:9-10)

Jesus aqui usa repetidamente o verbo **permanecer**. O termo grego “*menò*” traz o aspecto de que deve existir um **esforço ao longo do tempo.**

A **amizade tem inimigos** – entre eles, **a distância, o tempo, as situações.**

Você falou ou já ouviu alguém falar que “... costumávamos ser muito próximos, mas a distância nos afastou e nosso relacionamento não é mais o mesmo”. Igualmente, “... com o tempo, acabou cansando” ou mesmo “... aconteceu uma coisa que acabou esfriando nosso relacionamento.”

Jesus chama a atenção para o fato de que **a amizade exige esforço contínuo.**

Uma música antiga dizia “*Sim, é como a flor, de água e ar, luz e calor, o amor precisa para viver*”.

Jesus aqui está dizendo que tal qual ele fez, **eu preciso me esforçar continuamente para manter e fortalecer um relacionamento de amizade.**

### O Deleite (João 15:11)

Veja que Jesus fala de uma expectativa de que **o outro** tenha prazer naquele relacionamento (“... *para que a minha alegria esteja em vocês...*”). Percebemos aqui a amizade como um **objetivo de causar alegria no outro**. Essa afirmação é um **desafio para** aqueles que mantêm o que eu chamo de **relacionamentos utilitaristas** – aqueles que se estabelecem por conta de um interesse que eu tenho para mim quando eu me aproximo do outro. Jesus aqui muda a lógica, muda o foco, afirmando que o objetivo dele é **que os seus amigos é que sejam alegados** com a sua amizade.

Além disso, vale notar que o termo grego (“*chara*”, que, a propósito, é o radical da palavra **carisma**) aqui aponta para um tipo de alegria bem específica: a **alegria causada por uma pessoa**. Não é por algum objeto que se dê; é **pela pessoa**, que é capaz de causar alegria no outro.

Às vezes, eu ouço votos de noivos (mais essa modinha que o “american way of life” trouxe para as nossas cerimônias de casamento) em que um afirma algo assim “*you complete me*”.



Não vejo mal nisso, mas Jesus aqui está virando essa expectativa de cabeça para baixo com “*eu quero que você se sinta completo comigo*”.

Jesus aqui fala que a amizade **traz consigo a capacidade de a minha vida gerar alegria na vida do outro.**

### A Plenitude (João 15:12-13)

Não sei se essa é a melhor palavra para descrever o que eu quero dizer. O que Jesus está dizendo aqui é até onde vai a amizade verdadeira: até o ponto de dar a vida por um amigo.

Eu tenho um amigo que não vejo há muito tempo. Em tempo, vale dizer que ele é um dos caras mais geniais e brilhantes com quem trabalhei. Um cara capaz de transformar sua capacidade intelectual em soluções objetivas e úteis para as pessoas e para as empresas.

Nós trabalhamos por um bom tempo juntos, até que ele foi trabalhar e morar nos EUA. Desde então, encontrei-me com ele uma vez, há três anos, quando eu fui fazer uma viagem a Washington. Nos encontramos lá, comemos um lanche, falamos dos velhos tempos e do rumo que nossas carreiras seguiram. Eu tinha ido para lá participar de uma conferência como o diretor executivo de uma empresa de mais de duzentos funcionários, com uma agenda cheia de desafios e muita pressão; ele me contou que continuava fazendo a mesma coisa que fazia nos tempos em que trabalhávamos juntos. Ele vive assim até hoje e uma das suas alegrias é “**... não ter de ser chefe de ninguém, e não ser obrigado a demitir um amigo...**”.

Aquela conversa me incomoda até hoje, pois eu já fui obrigado a demitir algumas pessoas que, se não eram amigos chegados, eram pessoas muito próximas e que me auxiliaram muito.

Jesus fala aqui que daria a vida pelos seus amigos – o que, de fato, ele fez. Na verdade, fez mais, pois deu também pelos seus inimigos... mas aí já é uma outra conversa. **Eu especulo que essa afirmação** (dar a vida por seus amigos) foi o que **ficou martelando na cabeça de Pedro** quando ele se percebeu negando ao seu amigo Jesus.

O filósofo **Zygmunt Bauman**, falecido recentemente, escreveu sobre o que ele chamou de “Relacionamentos Líquidos”, um tratado sobre a superficialidade e a banalização dos relacionamentos – consequências diretas do fenômeno das redes sociais **da maneira que a tecnologia trouxe.**

No facebook, ninguém morre pelo amigo. A única coisa que morre ali é a amizade mesmo, quando há uma discordância (tecnicamente, chama-se **TRETA**) com a posição ideológica, política, doutrinária... ou qualquer coisa dessas de menor importância.

Quando olhamos para esse **padrão de amizade estabelecido por Jesus**, se formos honestos, vamos descobrir que há **poucas pessoas em nosso círculo de relacionamento de quem estamos dispostos a sermos amigos de verdade.**



### A Troca (João 15:14-15)

C.S. Lewis afirmou que “... a essência da amizade é a exclamação: ‘Você também?’”. A amizade é o lugar em que duas almas encontram um ponto de intersecção, de interesse e prazer comum. A amizade é aquele terreno em que os amigos se igualam.

**Tenho um grande amigo** que pensa muito diferente de mim em muitas coisas. Muito mesmo. Com o passar dos anos, **nós descobrimos “naturalmente”** que alguns assuntos não devem chegar na nossa mesa (sim... na mesa, porque um dos campos onde a amizade se desenvolve é a mesa em que comemos). Ele e a família dele são aquele tipo **com a qual talvez a minha família não possa fazer aquela viagem junto**. Porque eles são daqueles que, para aproveitar a viagem, acordam cedo, têm hora certa e combinada pra tudo ou quase tudo. Isso “tende a não dar certo” com a minha família – se é que você me entende. Mas nós somos amigos. Queremos estar juntos e, quando isso acontece, **nós nos igualamos, aproximamos nossos corações**, nós trocamos nossas experiências, trocamos nossos medos, nossos tropeços – **e isso é o que faz valer muito a pena**.

Tem de haver troca, tem de haver cumplicidade – e é o que Jesus fala quando diz porque **já não faz mais sentido chamar seus discípulos de servos e sim de amigos**.

*“Já não os chamo servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz. Em vez disso, eu os tenho chamado amigos, porque **tudo o que ouvi de meu Pai eu lhes tornei conhecido.**” João 15:15*

Eu trabalhava em uma empresa em que o chefe da seção era um cara muito bom, muito justo, mas com algumas dificuldades na área de relacionamento. Certo dia, ele estava saindo do escritório para passar alguns dias na matriz e disse mais ou menos assim “Estou indo para a matriz. Só volto na semana que vem.”. Um dos nossos colegas, naturalmente perguntou “Ah, que legal. Vai trazer novidades?”. Acho que o chefe não estava em seus melhores dias e respondeu “Onde já se viu o general ficar dando satisfação sobre o que vai fazer para o soldado?”. Aquilo foi tão constrangedor, tão duro e tão marcante que, nessas voltas que a vida dá, um dia esse nosso chefe foi demitido da função e quem assumiu foi nosso intrépido colega. No seu primeiro discurso para a sua nova equipe, ele fez questão de dizer algo como **“Aviso aos navegantes: o soldadinho chegou e quer dizer que, se alguém precisar perguntar alguma coisa, pode ficar à vontade. Os tempos agora são outros.”**.

**Jesus fala aos seus amigos que na amizade tem conversa, tem troca!**

### A Escolha (João 15:16)

Finalmente, Jesus faz uma afirmação que, a essa altura, alguém pode achar que talvez nem precisasse ser feita: que **a amizade é fruto de uma escolha!**

Mas por que é importante que ele diga que é uma escolha? Por causa de uma coisa chamada **escassez!**

Apesar do caráter divino de Jesus, a encarnação foi uma iniciativa de Deus para restringir-se aos limites humanos. E um dos limites aos quais estamos restritos, por exemplo, é o tempo, que é elemento fundamental da atenção.



Porque a amizade é preciosa. Ela precisa de investimento de **coisas que são escassas em nossa vida** – e o eram na vida terrena de Jesus. Ele tinha os limites do tempo, os limites do corpo, que só podia estar presente em um lugar de cada vez. Então, ele **literalmente escolheu aqueles a quem ia dedicar seus recursos escassos**: seu tempo, sua atenção, sua presença, sua preocupação.

A amizade da qual Jesus está falando aqui não é o tipo de coisa que tem modelos de sofisticação: Mille, Luxo, Gran Luxo, MPFI, XR3, com acessórios (roda liga leve, sistema multimídia com bluetooth, sensor de distância etc.).

A amizade da qual Jesus está tratando aqui é aquela que **é PLENA. Por isso, ela é uma questão de escolha** – ser amigo de fulano em detrimento de beltrano.

## CLAREZA – Entendendo o ecossistema

Como já falamos aqui, um dos grandes desafios é **discernir o que é amizade daquilo** que eu apenas penso ou sou levado a acreditar que é... mas **que não é**.

Em primeiro lugar, o que é um ecossistema?

Eu escolhi dois tipos de definições.

*“Sistema que inclui os **seres vivos** e o **ambiente**, com suas **características** físico-químicas e as **inter-relações** entre ambos”*

Essa primeira é a que eu chamo de **versão Nutella**. Ela é bonitinha, bem arrumadinha, doce e dá a impressão de que um ecossistema é um lugar de paz e harmonia. Mas até pelos elementos que nós vemos destacados (grifo meu) – **seres vivos, ambiente, características, inter-relações** – na definição, já se pode imaginar ou perceber que não há muito espaço para flores e marshmallow.

Há uma outra versão, um pouco mais técnica e contundente.

*“Qualquer unidade que inclui todos os organismos no local e interage com o ambiente físico, de tal maneira que o **fluxo de energia** cria claramente uma definida **estrutura trófica**, a diversidade e a circulação de substâncias (substâncias e troca de energia entre as partes bióticas e abióticas) dentro do sistema.”*

Essa segunda é a que eu chamo de **versão Raiz**. Ela descreve mais claramente e sem rodeios o que acontece no ecossistema. Ele todo funciona baseado no princípio dos **fluxos de energia** – ou seja, a energia que sai de uma parte (um membro) do ecossistema para outro, seja de que forma isso acontece. Nem sempre o fluxo de energia é algo que um membro entrega para o outro como um atleta da prova do revezamento faz com o bastão. Esse processo – que é a chamada **estrutura trófica** – é muitas vezes baseado na força, de forma predatória. Tecnicamente, a estrutura trófica

*“baseia-se nas relações alimentares entre as várias espécies constituintes da comunidade. A estrutura trófica da comunidade determina a passagem de energia e nutrientes das plantas e de outros seres fotossintetizantes para qualquer*



*ser vivo que necessite de sexo e assim sucessivamente pra qualquer outro ser vivo que se alimente de outros seres mortos.”*

E o que eu quero dizer é que, na maioria das vezes, os ambientes nos quais nós estamos inseridos (mesmo dentro da igreja, para surpresa geral), são ecossistemas, onde seus membros buscam transferir para si energia via estrutura trófica.

Nesse ecossistema é que “convivem” tanto os amigos quanto os inimigos. É o que podemos ver em um episódio bem conhecido relatado em três dos quatro evangelhos: um jantar bem especial.

### Um jantar muito especial (João 12:1-6)

Nesse episódio, relatado também em Mateus 26:6-13 e Marcos 14:3-9, vamos tentar identificar os elementos do ecossistema sobre os quais acabamos de falar.

#### Seres vivos – as pessoas

Nesse evento, podemos identificar várias pessoas e/ou grupos: Lázaro, aquele amigo a quem Jesus ressuscitou, suas irmãs Marta e Maria, Simão, o leproso (na casa de quem aconteceu o jantar), os discípulos. A impressão que eu tenho é de que podia haver mais gente na casa. Ou seja, era uma festa.

Cada pessoa na festa tem sua história (um foi ressuscitado, outro aparentemente passou por uma doença grave e socialmente maldita como a lepra), suas motivações (alguns eram gratos, outros eram oportunistas, outros eram discípulos), suas crenças, suas necessidades. É assim também nos ambientes em que convivemos.

Essa diversidade de personalidades muitas vezes é pano de fundo para muitos relacionamentos agradáveis e desagradáveis. Quando vou a uma festa, um dos meus objetivos é gastar o máximo do meu tempo com as pessoas legais e o mínimo do meu tempo com as pessoas malas. No ambiente de trabalho, as afinidades são o caminho natural que tomamos. Na igreja, igualmente, procuramos aqueles com quem temos pontos de exclamação em comum. Por isso é que, ao final do culto, nós vemos as rodinhas de conversa.

Havia tudo isso ali e, naquela diversidade, desenrola-se o enredo.

#### Inter-relações e trocas – os papéis

Tal qual nas rodinhas de conversas e seus personagens (o arroz de festa, o engraçado, o sério... e até o “espalha-roda”), cada um tinha seu papel naquela festa. Simão, o leproso, cedeu a casa; Marta fez a janta, organizou tudo e, provavelmente, estava tocando o terror na criadagem pra fazerem tudo certinho, Lázaro fazia a sala, conversando intimamente com Jesus, alguns dos discípulos estavam lá para aprender e imitar, Judas estava lá para encontrar uma oportunidade para convencer a alguns que podia ser que Jesus não fosse aquilo tudo e Maria... bom, Maria, como sempre, era aquela que, na opinião de muitos, não fazia nada e só ficava bajulando Jesus.

Quando eu olho para o papel que o meu próximo está desempenhando no ecossistema, posso reagir achando que ele está fazendo bem, que está fazendo mal ou mesmo estou só



observando para achar a minha oportunidade para me dar bem com os meus objetivos. Essa é a dinâmica do ecossistema e das inter-relações dentro dele.

### Fluxos de energia – as motivações

Com a variedade de pessoas e papéis, é óbvio que haja uma **variedade de motivações** – algumas **conflitantes** entre elas e outras **inconfessadas**. Por exemplo, o embate típico entre Marta e Maria me parece algo que já quase que uma tradição familiar.

Marta, aparentemente era uma pessoa movida a objetivos concretos e os seus resultados. Faço janta bem feita, recebo incentivos para continuar cozinhando, sendo chamada para os eventos etc. Maria, por sua vez, era da turma de humanas – o pessoal do “carpe diem”. É óbvio que isso vai dar conflito, mais cedo ou mais tarde ou sempre mesmo.

Além das motivações conflitantes, existiam as motivações inconfessadas. Tais como as motivações dos discípulos. A mais evidente, quando lemos o texto é a motivação perversa de Judas. Por onde Jesus e os discípulos iam, é bem provável que recebessem contribuições para o ministério. Então, se eu fosse Judas, minha motivação seria estar com eles em todas as oportunidades, especialmente nas festas, onde sempre podia rolar um dinheirinho para a sacolinha... de onde ele tiraria sua “comissãozinha”. Entretanto, pode ser que ele tivesse outras, que era começar a semear a desconfiança entre os outros discípulos, minando sua liderança. Assim, quando Jesus fosse entregue aos soldados, houvesse menos resistência e/ou até mesmo um apoio.

Da mesma forma, poderia haver discípulos que estavam ali apenas e tão somente por obrigação para com o seu mestre, preferindo estar em outro lugar, assistindo a um jogo do Palestra Itália na Cafarnaum Arena.

É isso que move as inter-relações, nas atitudes e comportamentos. E é aquele **caldeirão de motivações que abriga o nosso ecossistema**.

### Ambientes – as condições

Há fatores ambientais que afetam as relações no ecossistema. No nosso estudo de caso, estamos falando de um jantar, com comida sendo servida, rituais de purificação, assuntos relacionados à reunião e à comida além dos aromas.

Algumas técnicas de negociação e de fechamento de negócios indicam que nos **momentos em que as pessoas estão comendo e bebendo**, elas estão mais propícias a serem **mais simpáticas ou a se exporem mais do que o normal**. Em volta de uma mesa de refeição, as máscaras caem com mais facilidade.

Nesse tipo de ambiente, nessas condições, há pelo menos dois tipos de pessoas: aquelas que, inadvertida e intrepidamente se expõem e aquelas que se aproveitam das fragilidades e da exposição das pessoas.

Maria, por exemplo, se expôs muito mais do que o normal. Além da extravagância em relação ao uso do perfume (custo equivalente ao salário de um ano de um trabalhador médio), ela expôs os cabelos na frente das outras pessoas – o que era incomum para uma mulher naquele contexto.



Ao mesmo tempo, no relato de Lucas (Lucas 14:4), podemos perceber que não foi apenas Judas que indignou-se quanto ao desperdício do perfume. O que nos leva a crer que aquela situação causou um constrangimento geral – e foi algo que não passou despercebido de ninguém.

Situações como essa são terrenos férteis para que amizades e lealdades sejam postas à prova.

### Características – os cenários

A mesa posta, os convidados, os ambientes (sala de estar, sala de jantar, cozinha, varanda etc.). Em uma festa em uma casa é comum alguém chamar alguém para um canto para determinado tipo de conversa. Cozinhas são propícias para que alguém fale mais reservadamente sobre sentimentos; varandas são lugares propícios para conversas sobre planos e trabalhos; salas de estar são lugares em que as conversas (mais sérias ou mais descontraídas) acontecem de maneira mais pública; salas de jantar são lugares propícios para se falar “dos outros” – especialmente os ausentes. Por exemplo, quando alguém quer “causar” ou “chocar”, o lugar certo para uma frase de efeito é a sala de estar.

### Estrutura trófica – a dinâmica

Quem consegue perceber o ecossistema em todas as suas dimensões – pessoas, papéis, motivações, condições e cenários – geralmente se dá bem no ecossistema dos relacionamentos (de inimizade ou de amizade) e posiciona-se no topo da cadeia alimentar, no topo da estrutura trófica.

E é aí que reside o perigo! Porque é muito fácil ser enganado por algum predador que esteja mais bem adaptado o ecossistema do que eu. É nesse momento em que eu sou devorado por alguém que eu achava ser meu amigo.

## DISCERNIMENTO – Entendendo as diferenças

Por isso, vale a pena perceber as diferenças sutis entre a inimizade e a amizade – o que é meio caminho para que tanto saibamos quem são nossos amigos quanto para que saibamos ser amigos de verdade.

O quadro abaixo é um guia rápido para percebermos diferenças sutis entre relacionamentos de amizade e de inimizade.

A amizade...	A inimizade...
Dá – João 12:3	Tira – João 12:6
Honra – João 12:8	Desonra – João 12:5
Antecipa – João 12:7	Trama – João 12:4 e Marcos 14:10
Encoraja – João 12:7, Marcos 14:6 e Tessalonicenses 5:14	Recrimina – João 12:4-5 e Mateus 26:8



- **A amizade dá** – Sem pensar na consequência, no custo ou mesmo na recompensa. Não raro, o amigo faz papel de bobo, pois o reconhecimento não é garantido. Quando isso acontece, ele promete que não vai mais dar esse mole... mas quando vê, já o fez. **Jesus, se tivesse de morrer novamente por nós**, mesmo depois de tudo que a humanidade tem feito desde que ele fez o seu sacrifício... **ele faria de novo**.
- **Ao contrário, a inimizade tira** – De maneira consistente e cada vez com menor pudor. Aquele constrangimento, aquele receio, aquele pingo de remorso que aparecia nas primeiras vezes... isso acaba com a prática e com o passar do tempo. Quantas vezes for possível, Satanás nos fará cair, nos trairá.
- **A amizade honra** – O amigo verdadeiro sempre trata seus encontros como sendo a última oportunidade em que vai ver o objeto de seu afeto. Ele quer aproveitar todos os momentos, seja conversando, seja fazendo um agrado, seja trabalhando ao lado. **Ele honra a presença do amigo** como se fosse a coisa mais importante e mais rara do mundo.
- **Ao contrário, a inimizade desonra** – O inimigo banaliza o encontro, despreza o tempo e a companhia. Para ele, a conversa e o relacionamento são um peso e uma perda de tempo. **Ele precisa atingir seus objetivos o quanto antes ou da maneira mais eficiente possível**.
- **A amizade antecipa** – Exatamente por causa do sentido de urgência e escassez, muitas vezes **o amigo antecipa uma necessidade do outro mesmo sem saber**. Eu tive um amigo (por acaso, meu cunhado) que, com um certo esforço, adquiriu um título de um clube de São José dos Campos, onde eu também era sócio. Logo que isso aconteceu, ele comentou comigo que queria poder ter alguém com quem jogar tênis, mas que ele não conhecia ninguém no clube – e eu disse a ele que poderíamos jogar juntos. Mas a oportunidade de irmos no mesmo dia e hora ao clube nunca aparecia – **sempre tinha algo mais importante ou urgente a fazer**. De repente, ele foi dar um mergulho na praia, foi puxado pela correnteza e eu nunca tive a oportunidade de bater uma bolinha sequer com meu amigo.
- **Ao contrário, a inimizade trama** – O antônimo da antecipação é a trama, o esquema, a cilada. O relato de Lucas sobre o episódio na casa de Simão deixa claro que, saindo de lá, Judas foi dar seguimento ao seu plano, à sua trama. Sua participação no jantar não era senão parte de uma rotina para manter sua fonte de renda e de um plano para entregar Jesus aos soldados.
- **A amizade encoraja** – Jesus, ao mesmo tempo que protegeu a Maria (pedindo que a deixassem em paz), encorajou-a, dizendo que “ela havia praticado algo bom”. Eu imagino que, por ser do jeito que era, Maria já estava até acostumada a ouvir repreensão por causa do seu jeito “exagerado” de ser. Então, mais uma crítica não lhe faria muita diferença. Mas **o amigo verdadeiro não se omite, mesmo quando sua intervenção parece desnecessária ou inútil**. O amigo consola ou exorta mesmo quando parece que não vai fazer diferença, pois o consolo é um ato de quem se



importa muito com o outro. Paulo, escrevendo aos Tessalonicenses (I Tess. 5:14), exorta aos irmãos daquela igreja. A palavra grega traduzida como exortação é “parakaleo”, do mesmo radical de “parakletos”, que é usada para definir o papel do Espírito Santo junto aos amigos de Jesus (João 16:7). A exortação e o encorajamento são ação de Deus na nossa vida – e o amigo não nega isso ao seu querido.

- **Ao contrário, a inimizade recrimina** – O inimigo aproveita-se da situação, do ambiente e, além de recriminar, incita. O relato do episódio de Mateus (26:8) dá a aparência de que foi uma situação daquelas em que alguém fala algo como “que absurdo, que bobagem” e os outros repetiram, passaram para a frente, querendo arregimentar mais “indignados” com aquela situação. **A impressão que se tem é que Judas teria começado com a crítica e outros foram atrás – sem perceber o que havia por trás daquela crítica.** Tenho elementos para acreditar nisso, porque João, tendo escrito o seu evangelho após o final da história, não deixou de registrar que Judas, na verdade, preferia que aquele dinheiro da venda do perfume fosse para a sacolinha, para que ele pudesse tirar, como era seu modo de agir. É óbvio que isso não era de conhecimento dele ou do grupo na época em que andavam juntos. Às vezes, nós pensamos estar sendo correto, sensato... mas estamos mesmo é sendo usados pelo inimigo na vida do nosso amigo.

Então, **saber perceber se, eventualmente, nosso comportamento é de inimizade em vez de amizade é fundamental**, especialmente quando se sabe que, no ecossistema convivem **todos os tipos de pessoas, com todos os tipos de motivação – que podem muito bem ser destruir alguém.**

## A DINÂMICA da amizade

No livro do Êxodo, no capítulo 33, verso 11, o autor registra que Deus falava com Moisés como quem fala a um amigo. Vamos, então, examinar os elementos principais e a dinâmica desse relacionamento.

- **A iniciativa** – Em primeiro lugar, Deus deixa claro que a iniciativa de conversar e de estabelecer as condições para o relacionamento era dele. O homem, no Éden, decidiu romper o seu relacionamento com Deus. Em Gênesis, fica claro que Deus procurou por Adão e Eva, que, tendo pecado, esconderam-se. A música de Jorge Camargo fala da intimidade perdida (e agora desejada) daqueles **encontros de fim-de-tarde no jardim.** Nas instruções para construção da arca da aliança, em Êxodo 25:22, Deus fala claramente que ali ELE vai encontrar-se com Moisés. **A iniciativa é de Deus.**
- **O lugar** – O relacionamento de Deus com Moisés era tão precioso que o encontro deveria acontecer de maneira exclusiva e com toda a atenção, conforme o relato de Êxodo 33. **A Tenda do Encontro era montada fora do acampamento, longe de distrações. A amizade de Deus com Moisés** era assim – merecia todo o carinho e cuidado, pois **era única e exclusiva.**
- **O debate** – Apesar de tomar a iniciativa de restabelecer o canal de comunicação com o homem, Deus falava como quem fala ao seu amigo, o que significa que estava **aberto ao diálogo, ao debate.** Em Êxodo 33, Deus havia ordenado que o povo deveria sair



daquele lugar onde estavam, que iria mandar um anjo à frente deles, mas por causa do pecado do povo, não mais iria acompanhá-los. **Moisés, então, pega a sua Tenda do Encontro**, monta fora do arraial e fala diretamente a Deus "... se não fores conosco, não nos envie.". **Que ousadia. Que relacionamento.**

- **A companhia** – A partir da argumentação de Moisés, Deus diz a ele que, sim, vai com ele e lhe dará descanso (Êxodo 33:14-17). E que não terá vergonha de **andar na companhia de seu amigo e seu povo**. Uma das definições de amizade do Urban Dictionary diz que "... amigo é aquele que não tem vergonha de andar com você".
- **A intimidade** – Deus tem um relacionamento de compromisso com o seu povo, mas tem um relacionamento de intimidade com Moisés, a quem chama e conhece pelo nome. O nome é aquilo que o define e aquilo que o diferencia dos outros. Eu assisti a um filme – **Abril Despedaçado**. Um filme lindo e triste em seu final. Mas mesmo antes do final, uma coisa que me deixou bastante impressionado foi que o personagem principal do filme – o Tonho – tinha um irmão... cujo **nome era... Menino**. Isso mesmo! Quando alguém perguntava a ele como se chamava, ele respondia que todo mundo o chamava de Menino... e que, portanto, esse era o seu nome. Achei aquilo tão profundo e tão triste. Aquela **realidade dura e solitária** do sertão endureceu as pessoas a ponto de algumas **sequer terem ou saberem seu próprio nome**. A amizade abranda, amacia; a amizade resgata a identidade; **a intimidade da amizade** confere importância para a **personalidade do indivíduo**. A amizade é poderosa.
- **A liberdade** – A amizade permite que amigos abram seu coração um para o outro. Moisés, a certa altura, pede a Deus "... que me mostres a tua glória". Pedir isso para um Deus de quem sequer o nome poderia ser pronunciado era muita ousadia, muita liberdade. **Amigos pedem... sem vergonha, sem constrangimento.**
- **O abrigo** – A partir do pedido de Moisés (para que visse a glória do amigo), Deus diz que vai atendê-lo, mas de maneira que ele não se prejudique (versos 19-21). O amigo dá ao outro aquilo que ele pede, e ainda o **protege das consequências**.

O poeta Gladir Cabral diz que um amigo é tal qual um abrigo – que muitas vezes nem sabemos que precisamos. Deus estabelece isso como um padrão para a amizade. **Ser amigo é ser abrigo.**

Enfim, Deus mesmo e sua encarnação (Jesus) apresentam seus exemplos de relacionamento de amizade para que saibamos como agir.

Mas quando Deus é o parâmetro, alguém pode dizer que o padrão fica muito alto, uma utopia que jamais será atingida. **A beleza da igreja está em perceber que é possível**, sim, ser amigo das pessoas tal qual o exemplo de Deus Pai e de Jesus.

Na igreja primitiva, havia um homem, seu nome era Barnabé!

### Barnabé, um amigo

Esse homem **não foi um protagonista na narrativa bíblica**. Não tem um livro com o nome de Barnabé, são poucos os registros de suas palavras, mas podemos ver claramente a vida de Cristo, o **caráter de Deus demonstrado nas ações** daquele homem.



Lucas registra, em Atos 4:36, que Barnabé vendeu o que tinha e apresentou aos pés dos apóstolos. Sequer disse algo como “está aqui esse dinheiro, que estou dando especialmente para isso ou aquilo”. Como coadjuvante na história, apenas apresentou o que tinha para o crescimento do Reino – tal qual o menino que deu seus cinco pães e dois peixinhos no episódio da multiplicação. Quando vejo isso, me lembro de Eclesiastes 4:9-12, em um texto que geralmente usamos para falar sobre casamento. O texto diz que dois têm melhor paga do que um. Isso é possível desde que haja **disposição do outro em compartilhar aquilo que tem** com seu amigo, seu companheiro, sua companheira. **Barnabé nos mostra como é o amigo que DÁ.**

Há ainda outra faceta do amigo Barnabé. Quando Saulo se converteu no caminho de Damasco, sua aceitação no meio dos crentes não foi uma coisa imediata e natural. Nem deveria ser. O que você diria se alguém dissesse que aquele seu conhecido que, segundo seu julgamento, jamais aceitaria a Palavra de Deus e jamais se renderia a Jesus de Nazaré... que aquela pessoa agora está na igreja? Da mesma forma, e ainda mais, os crentes tinham todos os motivos para desconfiar da conversão de Saulo – porque isso, além de tudo, trazia riscos para as vidas deles. Porque Saulo perseguia e matava os crentes. Naquele contexto, Barnabé (conforme Atos 9:26-27) pegou na mão de Paulo e testemunhou a favor dele. **Barnabé é o amigo que HONRA o amigo.**

O mesmo Barnabé, certa vez discordou veementemente de Paulo em relação a **dar uma segunda chance para alguém**. João Marcos, que havia os acompanhado em sua primeira viagem havia feito alguma ou algumas bobagens – motivo pelo qual Paulo não mais queria leva-lo na próxima viagem. Barnabé olhou para João Marcos e julgou que ele merecia uma outra chance, mesmo que não parecesse. A discordância foi tal que, conforme o relato de Atos 15:36-39, a parceria Paulo – Barnabé acabou ali. Cada um foi para o seu canto. O tempo mostrou que valeu a pena investir em João Marcos, pois a certa altura, em sua segunda carta a Timóteo 4:11, pede para trazer o – antes inútil – João Marcos, pois lhe seria útil no ministério. Vale dizer ainda que, ao fazer seu pedido, Paulo não cita o papel de Barnabé na “recuperação” de João Marcos. Barnabé é aquele amigo que **acredita e ANTECIPA** – mesmo sem ter tido necessariamente a visão de que Paulo iria precisar de João Marcos no futuro.

Finalmente, vale registrar que Barnabé, diferentemente do Menino, além do seu “nome de batismo”, recebeu um outro nome (Atos 4:36), que reconhecia seu principal talento, seu principal dom: Barnabé, **o FILHO DA CONSOLAÇÃO (paraklesis), o ENCORAJADOR, o AMIGO... o ABRIGO!**

Vale a pena ouvir a música Abrigo (YouTube

[https://www.youtube.com/watch?v=eVh8eqA\\_50I](https://www.youtube.com/watch?v=eVh8eqA_50I)), do Gladir Cabral, cuja letra segue aqui:



**ABRIGO (Gladir Cabral)**

Sempre é bom ter um amigo, um barco, um cais, um destino

Alguém que nos dê abrigo na paz mais doce de um ninho

Um prato cheio na mesa e a mesa farta de amigos

De amigos plenos da vida, da vida e sopros divinos

Sopros de luz, claridade, luzes que mostram caminhos

Sendas que dão liberdade, honra, juízo e atino.

Sempre é bom ter um carinho, um barco, um cais, um destino

Alguém que nos dê abrigo na paz mais doce de um ninho

Um prato cheio na mesa e a mesa farta de amigos

De amigos plenos da vida, da vida e sopros divinos

Sopros de luz, claridade, luzes que mostram caminhos

Sendas que dão liberdade, honra, juízo e atino.